

A FORMAÇÃO DO LEITOR - Um Problema Social no Brasil

ANDRADE, Eliene Martins
elienedeandrade@gmail.com

RESUMO: *A necessidade da descoberta e aplicação de práticas de ensino voltadas à formação do leitor, que se refiram a uma influência mútua entre as métodos de motivação, interação, alinhadas com as leituras dos contextos socioculturais e as leituras paradidáticas utilizadas dentro e fora da sala de aula. A fundamentação teórica foi estruturada com base na abordagem histórico-cultural, principalmente em autores como Bauman, Kleiman, Kato e Zilberman, Ressaltando a necessidade de como a escola incentiva, desenvolve o ensino e desperta o hábito e o gosto pela leitura, utilizando-se das TICs.*

Palavras-chave: Tecnologia, Educação, Ensino, Interação, Aprendizagem.

ABSTRACT: *La necesidad de descubrir y aplicar prácticas didácticas dirigidas a la formación del lector, que se refieren a una influencia mutua entre los métodos de motivación, interacción, alineados con las lecturas de los contextos socioculturales y las lecturas paradidáticas utilizadas dentro y fuera del aula. La fundamentación teórica se estructuró con base en el enfoque histórico-cultural, principalmente en autores como Bauman, Kleiman, Kato y Zilberman, destacando la necesidad de cómo la escuela incentiva, desarrolla la enseñanza y despierta el hábito y gusto por la lectura, haciendo uso de las TICs.*

Palabras clave: Tecnología, Educación, Docencia, Interacción, Aprendizaje.

1 INTRODUÇÃO

Diante da realidade circundante, a escola é vista como o espaço onde a barreira do analfabetismo pode ser quebrada e também é considerada como a principal responsável pela formação do sujeito leitor. A partir dessa premissa é preciso descobrir e aplicar práticas de

ensino voltadas à formação do leitor, que se refiram a um intercâmbio entre as metodologias de motivação, interação, alinhadas com as leituras dos contextos socioculturais e as leituras paradidáticas utilizadas dentro e fora da sala de aula, enfatizando as complexidades que os alunos apresentam ao realizar essa prática e em todo o contexto educacional, uma vez que os brasileiros não exibem o hábito da leitura, e essa prática, a qual deveriam estar habituados, é muitas vezes vista como um grande sacrifício.

Quando o tema das estratégias de leitura for trazido à tona, tratar-se-á de refletir sobre os saberes e as práticas de leitura no contexto histórico, filosófico e social, partindo da ideia de que a leitura realizada fora da escola e do espaço literário também deve ser construído e muito validado. Pretende-se considerar como a falta do hábito da leitura torna-se um problema generalizado da população brasileira, uma vez que essa prática não está ocorrendo, mesmo por obrigatoriedade no âmbito do currículo do ensino médio, bem como com os direcionamentos dados pelos professores, para que essa prática torne-se habitual, faz-se necessário pontuar e desenvolver no leitor a capacidade de interpretar e aprender, principalmente a leitura de mundo, que extrapola o espaço escolar e forma cidadãos mais críticos e capazes.

2 DESENVOLVIMENTO

Segundo o texto: “Educador x educando – Um ato pedagógico e dialógico”, durante o século XX foi a vitória da ideia do fim do Ocidente, pois até Hegall a história era estudada em datas, com a filosofia do espírito comum ao longo da história, e isso se misturou devido às mudanças no mundo e pode-se dizer que no ano de 1806 o fim da história é alcançado quando a revolução francesa termina com o tema "liberdade e igualdade", a economia cria o mundo real com estruturas políticas e legais. Nessa estrutura política, as pessoas não produzem mais para si mesmas, mas para a sociedade, pois agora existem relações sociais de produção que estão mudando ao longo do tempo e atualmente a globalização e a superestrutura econômica. Com essa globalização vem o advento da tecnologia, do "sujeito que pensa e produz", portanto, principalmente neste período em que vivemos, a prática da leitura torna a sociedade brasileira preocupante, pois uma sociedade que não lê também não produz com qualidade, tão pouco será uma sociedade desenvolvida. Este estudo perpassa por algumas análises sobre o uso da tecnologia em sala de aula, principalmente no que pretende-se incentivar o leitor, a combinação

da leitura com o contexto social, as formas como um cidadão alfabetizado pode contribuir para o desenvolvimento de sua sociedade e se as metodologias utilizadas nas escolas estimulam a prática da leitura nos alunos, bem como o crescimento da humanidade, apresentando como principais problemas:

- Como a escola incentiva e desenvolve o ensino e desperta o hábito e o gosto pela leitura?
- Os programas de leitura com componentes gratuitos estimulam os alunos ao início e possível prazer da leitura?
- Qual é a relação da leitura com o contexto social do aluno e em que medida a sua subsistência influencia as suas escolhas de leitura?
- Qual a importância de trabalhar em obras que fazem parte do universo dos adolescentes nesse contexto social?
- Os professores estão preparados para usar as TICs como estratégias de leitura e essas tecnologias são oferecidas pela escola?
- Os professores atentam para a formação em leitura trazida pelos alunos?
- Faz-se previsões, perguntas, comentários que tentam reconhecer que cada leitor tem características individuais que estão associadas ao seu histórico de leitura?

Kleiman (1995) define letramento como “um conjunto de práticas sociais que utilizam a escrita, como sistema simbólico e como tecnologia, em contextos específicos, para objetivos específicos”. Soares (1998) acrescenta o termo aos usos e práticas de leitura e escrita, levando em conta as pessoas que desenvolvem as habilidades não apenas de ler e escrever, mas também fazem bom uso da leitura e da escrita na sociedade, ou seja, para ela, apenas a alfabetização não garante a formação de sujeitos alfabetizados. Soares define ainda a alfabetização como “o resultado do ato de ensinar e aprender as práticas sociais de leitura e escrita; O estado ou condição que um grupo social ou um indivíduo adquire como consequência de ser apropriado por escrito e em suas práticas sociais”. Dessa forma, os aspectos sociais e utilitários da alfabetização são aspectos fundamentais para a formação do leitor. Assim, começa-se a pensar se os alunos estão sendo alfabetizados ou apenas alfabetizados.

Outra questão importante a ser investigada são as adaptações curriculares que devem mudar ao longo da história. Correia (1999) define as adaptações curriculares como “as modificações, alterações ou transformações que os professores e a escola fazem nas propostas curriculares, de forma a ir ao encontro das necessidades dos seus alunos. Eles podem querer elementos básicos do currículo, nós queremos elementos que tornem isso possível ou acessível a eles”. Quando falamos de adaptações curriculares, estamos falando, sobretudo e em primeiro lugar, de uma estratégia de planejamento e ação docente e, conseqüentemente, de um processo para tentar responder às necessidades de aprendizagem de cada aluno.

Segundo Huffington “Não haverá uma civilização universal e apenas um conjunto de civilizações” e cada civilização dependerá da formação intelectual de seu povo, incluindo a formação de leitores preparados ou não. “Há a hipótese de que a fonte fundamental de conflito neste novo mundo não será principalmente ideológica ou econômica. As grandes divisões entre a humanidade A fonte dominante de conflito será cultural. Os Estados-nação continuarão sendo os atores mais poderosos no cenário mundial, mas os principais conflitos na política global ocorrerão entre países e grupos de diferentes civilizações. Ou o choque de civilizações dominará a política global. As falhas geológicas entre as civilizações serão as frentes de batalha do futuro.” Tal teoria formulada em 1993, retrata perfeitamente situações que são vivenciadas atualmente quando as identidades sociais, religiosas e culturais são as principais fontes de conflito entre as pessoas, assim percebe-se que a leitura tem grande importância na formação da identidade do sujeito, por meio da leitura, ou seja, através da inserção desta no planejamento de toda e qualquer disciplina, o professor pode desenvolver a coparticipação na construção do conhecimento, para ensinar os alunos porque eles precisam saber se o que é ensinado é útil e tem aplicabilidade prática, só assim o professor poderá desenvolver o pensamento crítico e reflexivo do aluno sobre o conteúdo ensinado. Diante de um texto, o aluno utiliza seu universo, sua experiência e suas palavras para ser confrontado com as informações contidas no texto, nesse momento, os sentidos são produzidos a partir das relações socialmente construídas. O aluno como leitor se apropria do sentido de um texto, e usa sua experiência, ou seja, seus conhecimentos prévios, absorvendo as informações de forma não passiva, pois o leitor traz consigo sua imaginação e suas experiências, portanto a leitura não se reduz ao que é lido. Nessa dinâmica, cada leitura é única, pois abrange experiências individuais criando significados diferentes de leitor para leitor, dentro de seu contexto social, fortalecendo e levando à reflexão sobre questões atuais. Assim, uma nação será medida pelo desenvolvimento intelectual de seu povo e também é responsabilidade séria da escola educá-la.

Assim sendo, “a leitura é um momento de confronto do sujeito com sua realidade. Não há sentido pronto e acabado que deva ser oprimido por outros. Uma leitura dessa forma permite uma relação dialógica do universo que é com os elementos textuais e com o universo do autor” (ZILBERMAN, 2001).

Voltando a refletir sobre os significados da alfabetização, observa-se que o mundo está inserido em uma sociedade da informação, é difícil refletir a preparação de um indivíduo para os tempos atuais e futuros sem entrar em seu processo de ensino aprendizagem, apropriar-se dos quesitos que necessita não somente para entender, mas para a interação, criação, especialmente com as TICs, e para ser considerado um letrado digital é necessário, em primeiro lugar, que o indivíduo possa ler e escrever em comparação a seu idioma, o que demonstra o domínio da leitura e escrita dos códigos vigentes em sua sociedade, e a partir daí, este domínio seja capaz de utilizar as TICs e fazer uso intencional das mesmas.

A alfabetização digital pode ser ilustrada como "alfabetização para a era digital". Segundo Tusting, “esta literatura muitas vezes pode ser compreendida de forma diferente dependendo das disciplinas, porém, fundamentalmente, está mais concentrada na literatura voltada para a valorização e disseminação da informação em um mundo digital” (TUSTING, 2013).

De acordo com Pinheiro (2013) “a literacia digital não é um conceito estacionário, porque as tecnologias de informação estão em constante mudança”, o que significa que uma cultura digital deve evoluir para garantir que os alunos desenvolvam e utilizem as competências nas novas tecnologias adequadas à descoberta, transferência, análise, avaliação e comunicação.

Segundo Zygmundo Bauman “Não toleramos nada que dure, vivemos em tempos líquidos. Nada é para durar”. Os humanos tendem a ser obsoletos, a se entregar a outros estímulos, o que exige que esses estímulos sejam produzidos constantemente. Cada um age de acordo com sua opinião, pois as pequenas histórias superam as grandes. A história é uma coleção de contos e no processo de inserção da leitura não poderia ser diferente. Ainda segundo Bauman, a decisão pessoal, a possibilidade que o ser humano tem agora de escolher o que quer entre as milhares de opções é a nova rigidez, o excesso de liberdade observado através do valor permissivo exacerbado, a instantaneidade (controle máximo do tempo), o tempo que se mostra mais rápido e mais curto, quando as coisas acontecem o valor já foi perdido. Muitas vezes, a

leitura de um livro é considerada perda de tempo, se para esse ato não houver uma grande preparação prévia.

Ainda de acordo com Gilles Lipovetsky, vivemos na “era do vazio, uma vez que as mutações históricas ocorrem constantemente pelo consumismo e individualismo desenfreados, onde os processos de personalização ocorrem por meio de mudanças de valores em uma sociedade muito mais flexível e com um número ilimitado de informações e super valorização do imediatismo.

Outro fator que está fortemente presente nos jovens é a cultura dominante, pois são constantemente bombardeados por imagens e sons instantâneos que permitem complacência imediata, pois quase tudo que lhes é oferecido de forma real e rápida nas televisões e outros recursos do mídia vem dos países “poderosos”.

Segundo Pierre Bourdieu em seu texto "Astúcias da Razão Imperialista" O imperialismo cultural torna-se atual e universaliza suas peculiaridades, que tornam a mídia muito mais acessível que os livros e, portanto, os livros românticos e de aventura, que antes seduziam, hoje parecem pesados e longos e muitas vezes o espaço que deveria ser dedicado com entusiasmo torna-se mera obrigação escolar. Porém, nesta fase do ensino médio, os alunos não apresentam refinamento nem estão maduros para análise e/ou escrita literária sugerida, portanto, estão mais preparados para as novas tecnologias ou a imitação de culturas dominantes.

Dentro de um universo globalizado, os livros podem e devem ser utilizados como instrumento atrativo para despertar nos alunos o prazer pela leitura. Com a leitura de paradidáticos, os alunos podem ser explorados para apropriar-se de bens culturais por meio da linguagem e do desenvolvimento do pensamento social. “Existe uma grande dificuldade para a divulgação da leitura, assim como a leitura paradidática é vista como algo que propicia a prática, e isso vai gerar uma dificuldade para os professores em proporcionar reflexões que inspirem os alunos em uma nova linguagem que não auxilia o desenvolvimento da pensamento crítico” (LIMA, 2013).

O uso de livros paradidáticos e elementos de informática pode ser visto como uma adaptação curricular, que busca melhorar o desenvolvimento da leitura. Segundo Terra (2013) "A aquisição da linguagem escrita também enfatizou a importância de o aluno atribuir um sentido e não adquiri-lo de forma mecânica e sem sentido, como há muito tempo. A alfabetização de uma criança foi entendida como tornar a criança capaz de decodificar palavras,

ou que é exigida por novas práticas pedagógicas, não tradicionais”. Para avaliar o desenvolvimento da leitura e da escrita, é interessante que o material utilizado seja significativo para o aluno, e uma possibilidade de seleção que inclua sua idade, escolaridade e possibilidades reais quanto à extensão do material.

A quebra de textos impede uma avaliação completa e adequada. Perde-se o sentido da leitura e a avaliação torna-se mecânica e, portanto, é impossível verificar se o aluno aprendeu o sentido geral do texto e se é capaz de sintetizá-lo. Portanto, “é fundamental que o professor acompanhe os novos conceitos de trabalho com uma linguagem, que baseie e adapte sua ação a uma atividade significativa para as crianças, para que possa ler e escrever justamente para fazer sentido para todos aqueles que utilizam a leitura e a escrita. Esse profissional não pode reduzir o aprendizado de línguas a atividades mecânicas cansativas e sem sentido para as crianças” (RODRIGUES, 2014).

Segundo Terra (2013) “é importante ou educativo ter um objetivo que não seja importante para a leitura, pois os objetivos da leitura são sempre traçados pela escola e os alunos os leem de forma difusa e confusa, sem construir os significados de dois textos”. As atividades de leitura e escrita na escola muitas vezes nada mais são do que copiar, resumir, analisar e outras tarefas relacionadas ao ensino de línguas. Há fortes evidências de que a memória e o poder de processamento melhoram significativamente quando uma meta é fornecida para uma tarefa. Existem diferentes fatores, tanto internos quanto externos ao indivíduo, que estão relacionados às dificuldades de aprendizagem da escrita. Estes incluem fatores ambientais, maturacionais e cognitivos, atenção, memória e desenvolvimento operacional. O ambiente (escola, família e sociedade) é onde ocorre o processo de ensino-aprendizagem, pois muito do aprendizado é produzido por imitações; outros, porém, só são adquiridos em situações estruturadas que requerem a participação e mediação de um adulto cientificamente e culturalmente preparado.

Segundo Giogernon et al (2014) “se o professor molusco desenvolve o papel social do docente, é necessário que os contextos culturais e políticos não ajudem no diálogo entre as associações, grupos e instituições que se interessam pela promoção da leitura”. O uso das tecnologias da informação para promover a alfabetização digital, assim como o uso de livros paradidáticos, é um esforço para promover o ato de ler e pensar. Todo esse esforço tem um objetivo maior, que é democratizar a leitura, popularizando informações de forma que possibilite a troca de ideias e o debate sobre a realidade. Ressalta-se que a preocupação não

deve ser apenas aumentar o acesso aos livros, é especialmente importante que a questão da interpretação literária seja trabalhada.

Angela Kleiman faz uma importante citação: “O leitor experiente tem duas características básicas que tornam sua leitura uma atividade consciente, reflexiva e intencional: primeiro, ele lê porque tem alguma mente objetiva, ou seja, sua leitura é feita sabendo o que é para ler, e, segundo, ele entende ou que ele, ou que seus olhos percebem seletivamente e interpretados, recorrendo a vários procedimentos para tornar o texto inteligível quando não entende”. Quando se trata dessa afirmação, entende-se a necessidade de utilizar estratégias de ensino que visem à formação de um leitor eficaz, que se mostre flexível, que possua inúmeras estratégias para atingir o objetivo almejado, seja ele de compreensão, interpretação e/ou análise de texto livre, ou uma mera leitura trivial, todos os dias e sem pretensão, de qualquer assunto que lhe chame a atenção. Só assim, essa flexibilidade permitirá ao aluno reproduzir condições favoráveis e efetivas de leitura e as ações educativas poderão levar o aluno a enxergar a importância da leitura para, a partir de decisões pessoais, o aluno se sentir livre para ler o que parece perto dele, atraente, lido através de componentes livres, uma leitura pessoal e individual. Em uma segunda etapa, o leitor poderá ler a partir de precursores sobre o conteúdo do livro, uma vez que esses serão apoiados por conhecimento prévio, tanto do assunto do livro (enciclopédico), quanto do autor, período (literatura). Assim, parece que a necessidade de conteúdo torna-se um mundo de textos grandes e diversos. Ler sobre informações de interesse do leitor pode ser o início de uma atividade muito importante que o acompanhará por toda a vida, pois o hábito da leitura vai muito além do ambiente escolar e o universo textual é ilimitado.

3 CONCLUSÃO

O desenvolvimento das habilidades de leitura por meio da interação dos alunos com o texto torna-se uma das preocupações mais evidentes do processo de estudo da língua materna nas escolas brasileiras. Partiu-se da ideia de que um texto escrito é o resultado de uma ação de comunicação quando há um contato direto e pessoal entre quem lê e quem escreve e tal contato ocorre de fato na comunicação oral por meio de expressões faciais, gestos e emoções que acompanham quem fala. Portanto, é necessário investigar as estratégias que aproximam a leitura

de um processo de interação, mesmo que isso não aconteça de forma visível e pessoal, o que pode ocorrer por meio de um compromisso e compreensão escrita do texto.

O professor sempre será visto como o “leitor que forma outros leitores”, pois será ele quem se mobilizará para essa prática ou não. A leitura ocorre por meio da rejeição do autoritarismo e da busca pela democratização do ato de ler, da observação da questão da participação de forma ativa e da permissão para o gozo de preferências e posteriores opiniões e críticas que tentam adequar a linguagem às aulas e seu nível de assimilação são essenciais para o desenvolvimento e gosto pela leitura.

Segundo Vera Tietzmann, “é na leitura que o leitor pode procurar outras vozes que conhece. Vozes que lhe foram ditas no passado. Deixe-o explicar ou apresentar, a projeção do futuro, modelos de sociedade humana ideal”. O professor leitor, que realmente deseja formar leitores, deve influenciar os alunos a realizar leituras contextualizadas e críticas dos livros, implementar metodologias em sala de aula que visem descobrir passo a passo o que está implícito no texto, e assim posteriormente, os educandos poderão caminhar sozinhos e acontecerá de fato a tão desejada formação de novos leitores, sobretudo, por meio do exemplo, pois qualquer tipo de leitura é válida e conseqüentemente traz inúmeros benefícios.

BIBLIOGRAFIA

Bauman, Zygmunt. (2004). **Modernidad Líquida**. Argentina: Fundo de cultura econômica.

Castro, Gomes, Santiago (1993): “Ciencias sociales, violencia epistémica y el problema de la ‘invención del otro’”. En: LANDER, Edgardo (comp.): **La colonialidad del saber: eurocentrismo y ciencias sociales. Perspectivas latinoamericanas**. Buenos Aires: CLACSO, pp. 145-161.

Giorgenon, Daniela, Sousa, Lucília Maria Abrahão, & Pacífico, Soraya Maria Romano. (2014). **Sujeito, corpo e um espelho (cibernético): a memória em imagem e em discurso**. Tempo psicanalítico, 46(1), 81-97.

HUANACUNI MAMANI, Fernando (2011). **Vivir Bien / Buen Vivir. Filosofía, políticas, estrategias y experiencias regionales**. En Programa de Teleducación “Construyendo un nuevo Estado”. La Paz: EGPP. Módulo 4: Paradigma del “Vivir Bien”. Disponible en: www.youtube.com/watch?v=FQo-qkjS6Qc

Kato M. (1984). **Estratégias cognitivas e metacognitivas de leitura**, Londrina. Ed. Pontes

Kleiman, Angela. (2004). **Oficina de leitura, teoria e prática**. Campinas, São Paulo. 10ª edição. Ed. Pontes.

Lajolo, Marisa. (2001). **A formação da leitura no Brasil**. (co-autoria: Regina Zilberman) São Paulo. Ed. Ática.

LANDER, Edgardo (1993): “Ciencias sociales: saberes coloniales y eurocéntricos”. En: LANDER, Edgardo (comp.): **La colonialidad del saber: eurocentrismo y ciencias sociales. Perspectivas latinoamericanas**, Buenos Aires: CLACSO, pp. 11-40. Disponible en: <http://biblioteca.clacso.edu.ar/ar/libros/lander/lander.html>

Lima, E. G. (2013), **Iconografias no livro didático de história: leituras e percepções de alunos do Ensino Fundamental**. Pará de Minas, MG: Virtual Books.

Machado, Ana Maria. (2001). **Texturas: sobre leitura e escritos**. Rio de Janeiro. Editora Nova Fronteira.

MAMANI RAMIREZ, Pablo (2011): “El Estado colonial y la descolonización como posibilidad de un Estado Plurinacional auténtico”. En Programa de Teleducación “Construyendo un nuevo Estado”. La Paz: EGPP. Módulo 3: Descolonización. Disponible en: <https://www.youtube.com/watch?v=60rfx8Nk6Ag>

Manguel, Alberto (2007). **Uma história de leitura**. São Paulo: Companhia das Letras.

Nóvoa, Antonio., (1997). **Os professores e sua formação**. Ed. Dom Quixote, Lisboa-Portugal.

Pellegrini, Domingos. (2007). **Mestres da paixão: aprendendo com quem ama o que faz**. São Paulo. Editora Moderna.

Pinheiro, R. C (2013) **Letramentos demandados em cursos on-line: por uma redefinição do conceito de letramentos hipertextuais**. Tese (Doutorado em Linguística) – Centro de Humanidades, Universidade Federal do Ceará.

Rodrigues, D. (2014). **Educação Inclusiva. Dos Conceitos às Práticas de Formação**. Lisboa: Instituto Piaget.

SAMAR, Roberto. “**Planisferio, representaciones y poder**”. Página/12, Bs As, 27 de junio 2013. Disponible en: www.pagina12.com.ar/diario/sociedad/3-223142-2013-06-27.html

Santos, L. M (2013). dos A. **Panorama das pesquisas sobre TDIC e formação de professores de língua inglesa em LA: um levantamento bibliográfico a partir da base de dissertações/teses da CAPES**. *Revista Brasileira de Linguística Aplicada*, Belo Horizonte, v. 13, n. 1, p. 15-36.

Silva, Vera M. T., (2013). **Leitura Literária e outras leituras, impasses e alternativas no trabalho do professor**. Brasília, DF. RHJ editora.

Smith, F. (2003). **Uma análise psicolinguística da leitura e do aprender a ler**. Porto Alegre. Ed. Artmed.

Solé, Isabel. (1998). **Estratégias de Leitura**. Porto Alegre. Ed. Artmed.

Terra, Márcia Regina. (2013). **Letramento & letramentos: uma perspectiva sócio-cultural dos usos da escrita**. *DELTA: Documentação de Estudos em Lingüística Teórica e Aplicada*, 29(1), 29-58. <https://dx.doi.org/10.1590/S0102-44502013000100002>

Tusting, K. **Literacy studies as linguistic ethnography**. *Working Papers in Urban Language & Literacies*, p. 1-15, 2013.

Viana, I. C. (2012). **Currículo, Diferença e Futuro. Desafios Perspetivados pela Educação Urbana Inteligente**. *Estudos Curriculares. Um Debate Contemporâneo* (pp. 119-132). Curitiba: Editora CR.

Zilberman, Regina (2001). **A leitura e o ensino da literatura**. 2ª ed. São Paulo: Contexto.